

## uma libertária: nota sobre uma aula do curso “do governo dos vivos” de michel foucault

edson passetti

Em *Nascimento da biopolítica*, de 1978-1979, curso anterior a *Do governo dos vivos*, Michel Foucault surpreendia ao mostrar a genealogia do neoliberalismo europeu e estadunidense pelas escolas de Friburg e Chicago. Situava como o Estado de direito e as punições habitam a construção do trabalhador como capital humano; problematizava o retorno liberal para conter o Estado, o nazismo e o comunismo, reiterando sua pretensão de governar a vida.

Na pesquisa de Foucault, a noção de governo dos vivos, chega para ultrapassar a relação saber-poder, para romper a relação com o *fora* e reconhecer a força do governo em cada um, em alguns, muitos e quase todos. Não se trata apenas de soberania, disciplina e biopolítica mas, também, de controles que atravessam subjetividades e redirecionam as resistências não mais para o confronto, mas para a inclusão.

Foucault sabia do poder de governo dos que não o suportavam e que, por não poder matá-lo, pretendiam isolá-lo. Esta conduta permanece sem retoques na amedrontada academia e entre *resistentes* embolorados que o vêem

## Do governo dos vivos

como nocivo às utopias igualitárias. Foucault era um audaz guerreiro contra o transcendente, onde este se instalasse. Por ser insuportável, tentaram pacificá-lo na sociologia da anomia ou torná-lo palatável no gueto gay. Arruinando conservadores embandeirados, arriscou e mergulhou no cuidado de si pela história do presente, e na atualidade, expandiu a relação aristocrática: uma arte dionisiaca ultrapassou o objeto para fazer-se em gente como estética da existência.

Foucault não se acanhou em romper consigo e com as implicações do saber-poder em favor da relação governo-verdade.<sup>1</sup> Preparou nova reviravolta para a ética e aproximou-se da anarqueologia. O anarquismo, que muitas vezes divagara e escapara com as palavras-lâmina, picando o estado civil, e ao mesmo tempo mostrando o fim da relação público-privado, aparece agora como referência. Como falar do governo dos vivos, de neoliberalismo, de ética sem passar pelos anarquistas? Os liberais se calaram como monjas, os marxistas como Antonio Negri não abrem mão de suas oxigenadoras reflexões e no libertarismo o Nu-Sol é insistente. Nildo Avelino ouviu o curso no Collège de France; transcreveu a aula inaugural e um brevíssimo trecho da seguinte.

Neste curso aparece o adjetivo *alêthourgês*, agir francamente, que no derradeiro seminário em Berkley vira o substantivo *parrhêsiaistes*, aquele que não teme pronunciar a verdade diante de um declarado superior.

Não dá pra isolar Foucault, nem os anarquistas.